III Congresso Internacional de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento

20 a 22 de outubro de 2014

CIÊNCIA E TECNOLOGIA PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL

EPH0580

A MORTE NA VIDA: ATÉ QUANDO NEGÁ-LA?

JULIANA COSTA MONTEIRO
ss.julianamonteiro@yahoo.com.br
SERVIÇO SOCIAL NOTURNO
UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

ORIENTADOR(A)
ADRIANA DAVOLI ARIZONO
UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

RESUMO

Esta pesquisa originou-se do processo de reflexão de determinadas situações vivenciadas no campo de estágio na área da saúde, onde a morte está a todo o momento presente, principalmente quando o tratamento é com pacientes crônicos. Este cenário fez surgir algumas indagações frente à morte e o modo como os profissionais da saúde lidam com este momento; o óbito parece não representar um fato importante no cotidiano do trabalho, isto é, o paciente "desaparece" no cotidiano atribulado dos técnicos de enfermagem. A escolha pelo profissional da saúde, mas especificamente, o técnico de enfermagem se deu por estes serem os trabalhadores que assistem, com maior frequência, as pessoas em momentos decisivos de suas vidas: a doença e a morte. E ao propormos pesquisar uma categoria que não a nossa de formação, a fazemos por ser um tema pouco debatido, mas de fundamental importância, tanto aos profissionais da saúde em geral, quanto para a sociedade, já está pesquisa aborda uma temática tão íntima ao ser humano. A relevância da pesquisa se deve ao fato de que a participação dos sujeitos favoreceu o processo reflexivo, visto que para responder questões é necessário elaborar uma opinião sobre o assunto. Deste modo o benefício é resignificar experiência dos sujeitos entrevistados. Os objetivos desta pesquisa foram: entender como a morte se transforma em um tabu para a sociedade no decorrer dos séculos, deixando de ser algo natural e inerente à existência, transformando-se em um fato que causa estranhamento e, compreender como os técnicos de enfermagem veem e enfrentam a morte no cotidiano profissional, buscando entender se e como a formação profissional influência esse contexto. Para concretizar a pesquisa optamos por utilizar a abordagem quanti-qualitativa, que nos permitiria alcançar os aspectos objetivos e subjetivos do tema abordado. Realizamos a entrevista semi estruturada com dois profissionais técnicos de enfermagem que trabalham em clínicas com foco em pacientes crônicos, e estas foram analisadas qualitativamente. Um questionário semi estruturado foi aplicado a vinte e três estudantes do curso técnico de enfermagem em fase conclusão do curso, com o intuito de conhecer a formação profissional em relação ao tema. Quanto aos princípios éticos desta pesquisa, todos os nossos entrevistados ficaram cientes que poderiam retirar seu consentimento sobre pesquisa a qualquer momento. Como resultados nossos estudos apresentam, de modo parcial, que os técnicos de enfermagem vivem uma dinâmica de trabalho exaustiva, expostos a situações limites, sendo cada vez mais submetidos à flexibilização, precarização e terceirização do trabalho, contextos do mundo do trabalho na sociedade capitalista. A negação da morte se torna um mecanismo de defesa emocional, fazendo com que estes trabalhem suprimindo o seu sofrimento, pois não há tempo para se pensar na morte do outro quando se é necessário cuidar de tantos outros pacientes. Já os estudantes, de modo geral, nos apresentam subjetivamente que nem sempre estão preparados para lidar com a morte, mas acreditam que com o passar dos anos de atuação esse fato se naturalizará para eles. Outro dado importante apresentado pelos estudantes é o medo de fracassarem enquanto profissionais, por não conseguirem manter a vida de pacientes sob seus cuidados, o que gera frustração. Entendemos que esse fenômeno deve ser pensado no contexto que o determina: uma sociedade capitalista em que os trabalhadores vivenciam a lógica do capital, gerando atos mecanizados, esvaídos de sentido, focados na produção, mesmo quando este fenômeno seja a finitude, nosso limite.